

DÍVIDA EXTERNA BRASILEIRA

(em US\$ bilhões)

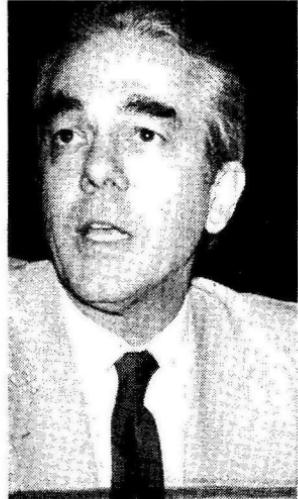
Dívida de Médio Prazo

Bancos comerciais (1)	59,59
Clube de Paris (2)	11,82
Agências multilaterais (inclui FMI)	11,26
Bônus	1,83
Instituições não-financeiras	3,37
Subtotal	87,87
Dívida de Curto Prazo	
Débitos comerciais (dívida líquida)	7,70
Débitos interbancários	5,44
Subtotal	13,14
Total	101,01

Dados do BC, referentes à posição de setembro/85

(2) Empréstimos de médio e longo prazo de bancos brasileiros no exterior incluem apenas parcela não-financiada no mercado interbancário (US\$ 2,1 bilhões)

(2) Inclui dívidas não-estruturadas com agências oficiais



Fernão Bracher

BC diz como vai negociar dívida

1º MAI 1986

O presidente do Banco Central, Fernão Bracher, apresentou ontem em Phoenix (Arizona, EUA), no encontro anual da Associação de Banqueiros de Comércio Exterior, a proposta brasileira para negociar a dívida externa contraída antes de março de 1983 e para a retomada de novos empréstimos dos bancos internacionais, apenas para grupos selecionados inicialmente. Ele reivindicou também um tratamento especial para o Brasil.

A proposta de Bracher separa a dívida externa brasileira em dívida velha, contraída antes de março de 1983, e dívida nova, contraída após esse período. Em relação à dívida nova, destacou, os compromissos estão em dia como o pagamento dos juros e do principal, bem como o pagamento de bônus. Quanto a dívida antiga, disse, será necessário sentar-se lado a lado, credor e devedor, "para buscar uma fórmula de substituir-se o mercado ainda existente". O presidente do BC não entrou em maiores detalhes.

DINHEIRO, AGORA, NÃO

Por enquanto, o Governo, segundo Fernão Bracher, não precisa de novos recursos. A balança comercial será superavitária em 1985 em mais de 12,5 bilhões de dólares e os preços estão

estáveis, apesar de reconhecer que em relação aos mesmos a batalha não está ganha. Ressaltou, porém, que "é do interesse geral que o Brasil volte aos mercados internacionais". Destacou que é tarefa comum, do Governo e dos banqueiros, preparar a volta do Brasil aos mercados, "sem pressa porque essa não é requerida", "firmemente, porém, talvez primeiro apenas para grupos selecionados". O Brasil, disse Bracher, "se prepara para oferecer bons riscos ao mundo e o fará em tempo e na forma oportuna".

CARGA PESADA

O Brasil, segundo o presidente do BC, reconhece plenamente suas obrigações internacionais e está em dia com todas as suas obrigações financeiras contraídas após março de 1983, período em que praticamente o País não recebeu recursos externos se comparado com o fluxo de empréstimos vigentes até aquela data.

Entretanto, ressaltou, "devemos concordar que o pagamento de dividendo e juros de 11,7 bilhões de dólares anuais, em qualquer financiamento externo, torna o Brasil, país em desenvolvimento, carente de recursos, um dos grandes exportadores de recursos reais do mundo, exportando cerca de 5% do nosso

PIB". Essa situação, alertou, não convém nem ao Brasil nem aos credores.

TRATAMENTO ESPECIAL

Bracher ressaltou que o Brasil merece tratamento especial pelos banqueiros. Quinto país em extensão territorial, 135 milhões de habitantes, crescimento econômico anual médio de 6,3% de 1940 e 1985. Produto Interno Bruto de 220,2 bilhões, 8,3% de crescimento no ano passado, previsão de crescimento de 7% este ano, crescimento médio de 8,7% entre 1968 e 1979 e taxa de poupança interna, neste período, de 23,3% do PIB, o Brasil, segundo Bracher, merece melhor tratamento, apesar de entre 1981 e 1984 registrar taxa média de crescimento de 0,7% ao ano, sendo que em 1983 apresentou-se em menos 3,2%, enquanto a inflação pulou de 40%, em 1978, para 300% em 1985. Os culpados foram os aumentos de preços de petróleo e a disparada dos juros externos, disse.

Apesar dos juros e do petróleo, entretanto, o Brasil, ressaltou, gerou, entre 1983 e 1985, 32 bilhões de dólares de superávit comercial para pagar os juros da dívida, situando-se, no momento, em 3º lugar no mundo em superávit comercial e em 8º lugar em crescimento do PIB.